



RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

CULTURAL RESISTANCE OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS: THE ROLE OF AFROTOURISM IN PROMOTING ANTIRACIST EDUCATION

RESISTENCIA CULTURAL DE LAS RELIGIONES AFROBRASILEÑAS: EL PAPEL DEL AFROTURISMO EN LA PROMOCIÓN DE LA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA



Josefa Laize Soares Oliveira – EACH USP*1
Denise dos Santos Rodrigues – EACH USP*2
Jordana de Souza Cavalcante – EACH USP*3
Paulo Henrique Ferreira Lacerda – EACH USP*4

Submetido em: 17/06/2024

Aprovado em: 27/12/2024

Avaliado em pares

Editor: Izac Bonfim

RESUMO

O estudo analisa a resistência cultural das comunidades afro-brasileiras, destacando o papel do afroturismo como possibilidade de enfrentar a marginalização, promover diversidade cultural e estimular resistência ao eurocentrismo. A metodologia adota uma abordagem reflexiva, combinando revisão narrativa da literatura com análise qualitativa. Quatro tópicos reflexivos são delineados: (1) Opressão histórica dos negros no país; (2) Intolerância religiosa e educação antirracista; (3) Religião e expressões artísticas afro-brasileiras; (4) Afroturismo na construção da identidade nacional. A discussão incorpora perspectivas históricas e interdisciplinares, destacando o papel do afroturismo. A análise baseia-se em teorias sobre liberdade religiosa e relação entre tolerância, justiça social e pluralidade, investigando a influência das religiões na esfera pública moderna e a necessidade de acomodar a pluralidade de crenças. Os resultados destacam o papel dessas religiões na construção histórico-cultural brasileira, defendendo o afroturismo como uma ferramenta para promover a inclusão social e valorização da diversidade. Enfatiza-se a necessidade de combater a intolerância religiosa como meio de promover a inclusão e solidariedade.

Palavras-Chave: Identidade étnico-religiosa, diáspora africana, religiões de matriz africana, afroturismo, patrimônio cultural.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

ABSTRACT

The study analyzes the cultural resistance of Afro-Brazilian communities in the face of the barbarities of the slave regime in Brazil, seeking to understand the historical scars of oppression. Exploring the consequences in the formation of the identity of African peoples in the country, especially in African-derived religions such as Candomblé and Umbanda, highlights the urgency of addressing marginalization, promoting cultural diversity, and resisting eurocentrism. The methodology adopts a reflexive approach, combining narrative literature review with qualitative analysis. Four reflective topics are delineated: (1) Historical oppression of Blacks in the country; (2) Religious intolerance and anti-racist education; (3) Religion and Afro-Brazilian artistic expressions; (4) Afro-tourism in the construction of national identity. The discussion incorporates historical and interdisciplinary perspectives, emphasizing the role of afrotourism. The analysis is based on theories of religious freedom and the relationship between tolerance, social justice, and plurality, investigating the influence of religions in the modern public sphere and the need to accommodate plurality of beliefs. The results highlight the role of these religions in the construction of Brazilian identity, advocating afrotourism as a tool to promote social inclusion and valorization of diversity. The need to combat religious intolerance as a means to promote inclusion and solidarity is emphasized.

Keywords: *Ethnic and religious identity, African diaspora, African-derived religions, afrotourism, cultural heritage.*

RESUMEN

El estudio analiza la resistencia cultural de las comunidades afrobrasileñas, destacando el papel del afroturismo como una posibilidad para enfrentar la marginalización, promover la diversidad cultural y estimular la resistencia al eurocentrismo. La metodología adopta un enfoque reflexivo, combinando una revisión narrativa de la literatura con un análisis cualitativo. Se delinean cuatro temas reflexivos: (1) Opresión histórica de los negros en el país; (2) Intolerancia religiosa y educación antirracista; (3) Religión y expresiones artísticas afrobrasileñas; (4) Afroturismo en la construcción de la identidad nacional. La discusión incorpora perspectivas históricas e interdisciplinarias, destacando el papel del afroturismo. El análisis se basa en teorías sobre la libertad religiosa y la relación entre tolerancia, justicia social y pluralidad, investigando la influencia de las religiones en la esfera pública moderna y la necesidad de acomodar la pluralidad de creencias. Los resultados destacan el papel de estas religiones en la construcción histórico-cultural brasileña, defendiendo el afroturismo como una herramienta para promover la inclusión social y la valorización de la diversidad. Se enfatiza la necesidad de combatir la intolerancia religiosa como medio para promover la inclusión y la solidaridad.

Palabras clave: *Identidad étnico-religiosa, diáspora africana, religiones de matriz africana, afroturismo, patrimonio cultural.*

Como Citar (APA):

Oliveira, J. L. S.; Rodrigues, D. S.; Cavalcante, J. S.; Lacerda, P. H. F. (2024). Resistência cultural das religiões afro-brasileiras: o papel do afroturismo na promoção da educação antirracista. *Ateliê do Turismo. Afroturismo*. 8 (1). 48 - 66, <https://doi.org/10.55028/at.v8i1.21362>

TESSITURA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA: RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

A trajetória da população negra no Brasil é caracterizada por mais de três séculos de barbáries durante o regime escravocrata, que além de atos desumanos promoveu rupturas nas tradições ancestrais (Ribeiro, 1995). As cicatrizes dessa história persistem, e o desafio atual é reconciliar as heranças culturais perdidas, não apenas como uma questão de memória, mas uma forma de resistência. Este princípio ressoa nos versos de “Sangue Negro: uma poética de combate”, onde o grito universal “deixa passar o meu povo” (Sousa, 2001, s/n) ecoa como uma manifestação da força da identidade africana transmitida de geração em geração.

Ao revisar estudos relacionados ao papel das religiões de matriz africana, percebe-se uma lacuna no entendimento sobre contribuições para a preservação da cultura afro-brasileira. Embora a literatura destaque a importância dessas expressões religiosas como elementos de sínteses culturais (Silva, 2005; Serra Pinto, 2012; Nascimento & Simonian, 2016), as dinâmicas desse processo permanecem subestimadas. Evidencia-se, portanto, a necessidade de uma análise sobre como tais tradições contribuíram para moldar a evolução de narrativas.

A pergunta que direciona este texto é: de que maneira as influências culturais africanas, incluindo o afroturismo, perduram no cenário contemporâneo brasileiro? A relevância deste problema para a comunidade científica está no estado da arte dessa linha de pesquisa, ainda incipiente (Cesário, 2013). Fundamentado em revisão narrativa da literatura (Jahan, Naveed, Zeshan & Tahir, 2016), este artigo explora temas que abrangem a marginalização religiosa, resistência cultural, patrimônio cultural e o (afro)turismo (Verger, 1902; Bastide, 1977; Heiwood, 2008; Machado & Neto, 2022). Além disso, são abordadas questões associadas à musicalidade, teatralidade e expressões corporais (Costa, 2018; Gama, 2018; Pinto, 2021) por serem partes constituintes da reflexão que será desenvolvida. Portanto, o objetivo da pesquisa é examinar de que forma o afroturismo pode contribuir para a educação antirracista, destacando seu impacto na conscientização pública e na valorização das culturas e religiões de matriz africana no Brasil.

A metodologia empregada baseia-se em uma abordagem antropológica, fundamentada em Jahan et al. (2016), visando compreender as manifestações culturais e sociais relacionadas ao tema em questão. Além disso, adotou-se uma revisão narrativa da literatura, a fim de contextualizar as análises (Rother, 2007). A pesquisa, caracterizada por sua natureza exploratória e com revisão narrativa, abrange uma gama de fontes, incluindo artigos acadêmicos, livros e notícias jornalísticas, incorporando décadas de reflexão, destacando-se contribuições práticas e teóricas do afroturismo (Rodrigues, 2021), como as festividades e a gastronomia.

O artigo se divide em cinco seções. A primeira trata da opressão histórica dos negros no Brasil, destacando desigualdades persistentes e resistência cultural por meio do sincretismo religioso. A segunda aborda a intolerância religiosa e destaca a necessidade de educação antirracista. Já na terceira

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

parte, é discutida a interligação entre religião e expressões artísticas, ressaltando a identidade cultural afro-brasileira. A quarta seção foca no afroturismo, valorizando contribuições da população negra em cidades como Salvador–BA e Olinda–PE. Por fim, a quinta seção destaca a importância do afroturismo na construção da identidade nacional, apelando ao engajamento na luta por igualdade e respeito, com ênfase na necessidade de medidas governamentais e sociais contra os preconceitos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A decisão de adotar o paradigma reflexivo neste artigo é motivada a partir da necessidade de abranger dimensões objetivas, bem como aspectos subjetivos que influenciam experiências individuais e coletivas (Bourdieu, 1980; Touraine, 1981; Jahan et al., 2016). A flexibilidade inerente a esse paradigma oferece a vantagem de adaptar-se às nuances culturais e sociais específicas ao tema que se reflete, por meio de uma abordagem sutil às complexidades intrínsecas a este contexto. Tal escolha reflete a compreensão de que a reflexividade oferece um espaço crítico das expressões culturais, conforme Lyotard (2021).

Os procedimentos metodológicos adotados foram guiados por uma abordagem qualitativa (Creswell & Creswell, 2021). A estratégia para delinear um escopo reflexivo neste estudo fundamentou-se na revisão narrativa da literatura, conforme proposto por Rother (2007). As etapas seguidas compreenderam: i) Definição dos tópicos reflexivos; ii) Busca bibliográfica para cada tópico; iii) Realização de leitura crítica das fontes selecionadas; iv) Organização e síntese dos achados; v) Elaboração de uma narrativa a partir da bibliografia revisada.

Quatro tópicos reflexivos foram delineados por meio de uma revisão preliminar da literatura: (1) Opressão histórica da população negra no Brasil; (2) Intolerância religiosa e educação antirracista; (3) Religião e expressões artísticas afro-brasileiras; (4) Afroturismo na construção da identidade nacional. A amostragem de fontes abrangeu artigos acadêmicos, obras literárias e notícias jornalísticas, orientada pela incorporação de diferentes perspectivas. Sobre os critérios de inclusão bibliográfica, foram priorizadas fontes alinhadas aos tópicos reflexivos supracitados, com destaque para representatividade cultural.

Para fins de discussão, ao ancorar perspectivas históricas e acadêmicas com uma abordagem interdisciplinar (Quintas, 2023), integrou-se o conceito de afroturismo (Rodrigues, 2021). Com isso, foram examinadas as relações de poder na expressão cultural, abrangendo transformações ao longo do tempo (Bourdieu, 1980; Touraine, 1981), destacando-se aspectos de justiça social e direitos humanos (Jahan et al., 2016). Por fim, a aplicação da teoria de Lyotard (2021) constituiu a análise das implicações das narrativas culturais.

A LUTA PELA TOLERÂNCIA: NARRATIVAS DE HISTÓRIA E RELIGIÃO

*Negro de fome, com a barriga rente à terra, vive e trabalha num mundo estéril onde só se plantam as sementes da miséria, onde só se colhem os frutos da opressão, onde o seu próprio suor é transformado em ferramenta de exploração*¹ (Sousa, 2001)

O verso de Sousa (1988) carrega o peso da subjugação e da condição servil imposta aos negros pelo sistema escravocrata. A representação de corpos curvados e exauridos, apresentam o fardo de uma vida à servidão forçada. A expressão “*mundo estéril*” desnuda a ausência de oportunidades e horizontes em uma sociedade construída para o enriquecimento de uma elite opressora, onde as raízes da desigualdade estão plantadas. As “*sementes da miséria*” e os “*frutos da opressão*” lançam luz sobre as consequências desta exploração: é o próprio suor do negro, destilado sob as agruras da escravidão, que representa a máquina da desigualdade persistente na sociedade.

A narrativa das diásporas negras no território brasileiro se estabelece em um tecido de lutas e resistência, moldando o substrato dos discursos acadêmicos ao longo dos anos (Walter, 2017; Amaral & Santos, 2015; Flor, 2017). Durante um período que abarcou mais de três séculos, a população negra foi despojada de seu reconhecimento como seres humanos, sendo privados de seus direitos. Essa violência, de natureza estrutural, se manifestou como uma estratégia de subjugação e imposição da supremacia cultural europeia sobre as culturas africanas e suas comunidades (William, 2019; Silva & Fantinel, 2021; Ribeiro, 2023).

Após a abolição da escravidão (1888), surgiram novas formas de opressão, com a perseguição às “religiões dos negros” respaldada pela igreja católica e pelo Estado, apesar da adoção do princípio da laicidade em 1889 (Prandi, 2004; Santos, 2013). Andrews (2021) reflete que, estas religiões foram estigmatizadas como inferiores e encaradas como obstáculos ao processo de “modernização” e “embranquecimento” da cultura brasileira. Essa perspectiva se relaciona com o pensamento orientalista, discutido por Said (2007), no qual discute como as sociedades são formadas a partir de uma perspectiva colonialista, no qual tudo aquilo que não for europeu é considerado bárbaro, não civilizado. Apesar do autor referir-se à perspectiva do chamado por ele “Oriente”, aqui traçamos um paralelo às culturas africanas e suas diásporas.

O sincretismo religioso, originado como uma estratégia para preservar as crenças da população negra, possibilitou a adaptação de práticas religiosas por meio de elementos do catolicismo (Lamas, 2019). Essa interação materializou-se na associação entre orixás e santos, conforme discutido por Bastide (1977). Essa prática tornou-se recorrente em algumas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, ao identificar similaridades e

¹ Trecho do poema *Negro de fome*, de Sousa (2001). Disponível na obra *Sangue Negro: uma poética de combate*.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

campos de atuação entre as divindades, por exemplo, a Orixá Iansã é sincretizada com Santa Bárbara, assim como Oxalá é sincretizado como Jesus Cristo.

A luta pela tolerância religiosa, abordada por pensadores como Voltaire (1763/2008), Locke (1689/2007), Forst (2013), Charles Taylor (2007), Nussbaum (2009), Walzer (1997), Armstrong (2015), Casanova (1994) e Küng (1991), revela-se como uma interseção entre história e religião, onde a promoção da liberdade religiosa, a separação entre Igreja e Estado, o respeito mútuo e a negociação de diferenças são imperativos morais e sociais. A compreensão dessas narrativas evidencia que a tolerância não é meramente a aceitação passiva das diferenças, mas uma prática de respeito, essencial para a construção de sociedades democráticas e pacíficas.

INTOLERÂNCIA CONTRA AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Em 2 de fevereiro de 1912, o estado de Maceió–AL testemunhou um episódio de intolerância religiosa que se tornaria um dos capítulos mais impactantes na história brasileira, marcando trágicos acontecimentos de violência contra as religiões de matriz africana (Rafael, 2009 e 2010; Pacheco, 2015; Farias, 2021). O ato de vandalização aos terreiros de Candomblé e Umbanda, marcou o início de um período de perseguição e destruição na capital alagoana. A violência culminou no ataque a aproximadamente 150 terreiros. Contudo, como analisam Rafael (2010) e Madeiro (2020), apesar de ser o ataque mais violento já registrado contra religiões no país, o acontecimento permanece oculto na história nacional.

A intolerância religiosa no Brasil tem se tornado cada vez mais alarmante nos últimos anos, com diversos casos de ataques verbais e físicos, especialmente contra as religiões afro-brasileiras. Um estudo do Ministério dos Direitos Humanos (2016) mostra que as denúncias de discriminação com base em razões religiosas aumentaram em 5.000% em cinco anos (2011-2016). Em 2011, por exemplo, apenas 15 casos foram relatados, enquanto em 2016, esse número subiu para 759. O mesmo estudo mostra que o Candomblé é a religião mais afetada, com 67% das denúncias, seguida da Umbanda, com 10%.

A ocorrência de atos de intolerância religiosa direcionados às comunidades de terreiros constitui uma problemática contemporânea. Esta realidade não só ilustra a vulnerabilidade dessas comunidades, mas também destaca uma ambivalência, refletindo a dicotomia entre o reconhecimento de um legado cultural e a repressão (Da Silva, 2017). Os praticantes de terreiros enfrentam estigmatização, sendo percebidos como uma ameaça aos valores morais, evidenciando o racismo estrutural ainda presente na sociedade (Medeiros, 2016; Dias, 2018; Silva & Fantinel, 2021). Além disso, há uma tendência de marginalização de suas manifestações religiosas (Bezerra & Rodrigues, 2016; Tavares & Vaz, 2019).

No contexto histórico, de acordo com Da Silva (2017), durante o domínio português, as práticas religiosas não católicas eram proibidas e sujeitas a punições através do chamado “Tribunal do Santo Ofício da Inquisição”. Isso resultou na marginalização das religiões como a Umbanda, o Candomblé e o Batuque, levando à punição dos praticantes (Da Silva, 2017, s/n). Souza, Nogueira e Tebet (2022) destacam como essa perspectiva ainda prevalece na educação, perpetuando estigmas. Com isso, a valorização das religiões negras está ligada à necessidade de uma educação antirracista que reconheça a diversidade cultural e os saberes tradicionais como formas legítimas de conhecimento e expressão.

Avanços legislativos e desafios na promoção da tolerância religiosa

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Por meio da promulgação da Lei 6.015 (1973) e da regulamentação dos registros das entidades religiosas, as religiões de terreiro conquistaram a legitimidade pelo Estado e a proteção constitucional. No entanto, o Brasil continuou a testemunhar a persistência da discriminação e do preconceito em relação às religiões afro-brasileiras. É relevante ressaltar que a intolerância religiosa configura um delito no país, conforme a Lei n.º 7.716/89, que sanciona a discriminação e o preconceito com base em raça, cor, etnia, religião ou origem.

O Artigo 5º da Constituição de 1988 garante o livre exercício do culto, manifestações religiosas e suas liturgias. Paralelamente, a Lei n.º 11.635/2007 instituiu o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa em 21 de janeiro, visando conscientização e luta contra a discriminação, além de promover diálogo e convivência pacífica entre as diversas expressões religiosas no país. Essa legislação visa promover respeito e tolerância às diferentes religiões e crenças, além de incentivar políticas públicas para garantir os direitos religiosos de todos.

Em 2021, foi criada a Lei n.º 14.134, que estabelece 21 de março como o Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. Esta data visa valorizar e reconhecer as tradições culturais e religiosas de matrizes africanas no Brasil, conscientizando a população sobre a importância do respeito à diversidade cultural e religiosa. A celebração deste dia representa um marco para os povos de terreiros, que agora ocupam um lugar destacado na cultura brasileira, lado a lado com outras tradições religiosas. Juntos, esses dois dias constituem uma iniciativa relevante para promover o diálogo e a tolerância religiosa.

ARTE E ESPIRITUALIDADE: UMA IDENTIDADE NACIONAL

Na dinâmica entre sociedade e religião, as manifestações culturais se revelam como um fenômeno integrante de um círculo hermenêutico: religião-música-sociedade (Quintas, 2023). Nesse contexto, as religiões de matriz africana não se limitam aos terreiros, mas permeiam o tecido social como expressões artísticas. Essa interligação se manifesta de maneira polifônica, deixando uma marca em diversas formas de arte e, no caso da música, tal como analisa Quintas (2023, p. 7), é evidenciada nos sambas-enredos que entrelaçam a diversidade religiosa, como “Brasil de todos os deuses” e “Só com a ajuda do santo”.

A música brasileira tem sido um veículo para a expressão das heranças afro-brasileiras em diferentes gêneros. Clara Nunes, por exemplo, uma das proeminentes intérpretes do cenário musical, apresenta essa conexão ao incorporar elementos das religiões de matriz africana em suas canções. Suas *performances* ressoam saudações às entidades - uma ponte entre a linguagem sagrada dos terreiros e a musicalidade. Da mesma forma, Jorge Ben Jor, outro ícone da música brasileira, destaca-se por entrelaçar heranças musicais (africanas, afro-brasileiras e afro-latino-americanas) em suas composições, promovendo um diálogo intercultural que celebra a diversidade e a universalidade. No cenário contemporâneo, MC Tha continua essa tradição em seu álbum “Rito de Passá” (2020), ao ritmo do funk.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Clássicos como “Jorge da Capadócia” (1975) e “Domingo 23” (1972), de Ben Jor, tornaram-se ícones da música brasileira, abordando a proteção oferecida por São Jorge em suas letras. Em uma abordagem contemporânea, o grupo de rap Facção Central, em “Espada no Dragão” (2006), apresenta São Jorge como símbolo de força e coragem, destacando o santo na superação das adversidades. Já na região nordeste, Alceu Valença, recorre ao santo em busca de proteção contra o “mau-olhado”, na música “Chuva de Cajus” (1985). Outro exemplo é a canção “São Jorge” (1990) de Alcione, que narra a história do santo, entrelaçando devoção, tradição e mitologia, estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente.

As reverberações das religiões de matriz africana não se limitam à musicalidade, estendendo-se também a outros campos como a literatura. Neste cenário, a relevância dessas religiões na promoção da diversidade, inclusão social e valorização da arte é incalculável, constituindo uma das raízes da identidade brasileira (Munanga, 2009). Obras literárias como “Torto Arado” (Vieira Jr., 2019), vencedor do Prêmio Jabuti (2020), e “Os Tambores de São Luís” (Montello, 1975) evidenciam como a afro-religiosidade apresenta resistência às opressões enfrentadas, influenciando até mesmo as esferas de lazer, viagens e turismo.

DA ORALIDADE À EXPERIÊNCIA: AFROTURISMO

De acordo com Rodrigues (2021), o afroturismo, é um conjunto de práticas voltado para a preservação, resgate e valorização das contribuições da população negra para a sociedade, destaca a importância das manifestações religiosas-culturais em sua concepção. Este enfoque difere do turismo convencional, buscando uma perspectiva de deslocamento do olhar tradicional eurocêntrico para narrativas afro-referenciadas (Oliveira, 2020; Rodrigues, 2021). Essa abordagem reconhece a existência de uma conexão entre raça e cultura, amplificando características culturais, práticas sociais e heranças ancestrais associadas.

Ao analisar experiências turísticas afrocentradas na mídia social Instagram, Silva, Tricário e Silva (2023) revelaram uma diversidade de contextos turísticos. Ao focar na *hashtag* #afroturismo, que abrange desde o turismo de raízes até o movimento *Black Travel*, foram ressaltados destinos afro-brasileiros, como o Parque Memorial Quilombo dos Palmares e a cidade de Salvador (Silva, Tricário & Silva, 2023). Os relatos de experiências evidenciam a potência do afroturismo como uma estratégia para enfrentar o racismo, incorporando elementos como educação antirracista, legislações e medidas afirmativas.

Nesta linha de pensamento, se observa como algumas cidades estão reconhecendo o potencial do afroturismo não apenas para promover o turismo, mas também para valorizar e desmistificar preconceitos contra as religiões de matrizes africanas. Cidades como Salvador-BA, Olinda-PE, João Pessoa-PB e São Paulo-SP têm desenvolvido roteiros afro religiosos que convidam visitantes a explorar os terreiros de Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, o culto a Jurema Sagrada e muitas outras manifestações. Essas iniciativas enriquecem a experiência do turismo, contribuindo para uma compreensão e respeito pelas tradições afro-brasileiras - um caminho para uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A cidade de Salvador–BA, emerge como um símbolo do afroturismo, apresentando em suas atividades turísticas, elementos da cultura e religiosidade negra no país. Destaca-se, que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) confere reconhecimento e proteção como patrimônio cultural imaterial do país a duas práticas associadas à capital baiana: o ofício das baianas de acarajé e a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ademais, as renomadas “fitinhas do Senhor do Bonfim” tornaram-se *souvenirs* tradicionais para aqueles que exploram a Bahia.

Em 2022, o governo do estado da Bahia lançou o projeto “Agô, Bahia”, dedicado ao afroturismo religioso. O propósito é impulsionar e fortalecer as visitas aos terreiros de candomblé e umbanda no estado, contribuindo para a promoção dos patrimônios culturais e para o combate ao racismo religioso. O culto aos orixás também ganha destaque em roteiros turísticos no Maranhão, com ênfase na divulgação da “Casa das Minas”, um templo da religião tambor de mina. Em Brasília–DF, diversos passeios turísticos incluem uma parada na Praça dos Orixás, onde 16 estátuas representam as divindades africanas - um local que se tornou uma referência para os praticantes das religiões afro-brasileiras.

Na cidade de São Paulo–SP, o “Roteiro Afro”, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Turismo, também destaca a importância dos terreiros como pontos de visitação. Um exemplo é o terreiro Axé Ilê Obá, que representa um dos maiores da América Latina, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (CONDEPHAAT). Por sua vez, a “Caminhada Olinda Negra”, em Olinda–PE, celebra heróis e heroínas negras que contribuíram para a conformação da história de Pernambuco. Um dos pontos visitados é o Palácio de Iemanjá, tombado como Patrimônio Cultural de Olinda em 2016.

Os roteiros citados trazem a possibilidade de articular as manifestações culturais negras e a intrínseca relação com a religiosidade afro-brasileira de maneira a apresentar aos participantes uma perspectiva diversa, inclusiva e de combate à intolerância religiosa ao apresentar os terreiros e/ou orixás como parte constituinte da formação dessas cidades, bem como provocar um olhar sensível à temática e denunciar preconceitos a partir das visitas turísticas.

Entre raízes e símbolos de manifestações culturais negras: O carnaval

Inicialmente diversificado entre classes sociais, o carnaval evoluiu ao longo dos anos para um evento turístico, tornando-se uma identidade cultural brasileira de destaque internacional (Castor, 2022). Obtendo uma taxa de recomendação de 98,4% entre os estrangeiros no Rio de Janeiro–RJ no ano de 2019 (Lucena, 2019), a pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2024) projetou a movimentação de R\$ 9 bilhões, gerando cerca de 66.699 empregos temporários, com uma expectativa de efetivação de 3,1%.

Em uma linha sociológica, testemunhando uma celebração enraizada nas tradições negras, marcada por samba e enredos que homenageiam a ancestralidade negra, os desfiles das escolas de samba costumam reverenciar os orixás (Quitias, 2023): “o fato é que não faltam elementos para comprovar que festa e fé andaram quase sempre de mãos

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

dadas” (IPHAN, 2014, p. 89). Como analisa Quintas (2023), além de expressar reverência, esses elementos evidenciam o respeito pelas religiões afro-brasileiras, ao entrelaçar expressões artísticas com elementos da religiosidade, oferecendo uma perspectiva para a análise teológica da cultura.

A título de exemplo, em uma abordagem desvinculada do viés eurocêntrico da branquitude, a representação de Exu desafia estereótipos (Liesa, 2022; Cardoso, 2023). Estes estereótipos, forjados pela apropriação cultural e distorção de valores, resultam na marginalização da riqueza cultural afro-brasileira, contribuindo para uma narrativa criada pela elite dominante (Dumani, 2023). Quebrando representações carregadas de distorções que perpetuam visões preconceituosas, o caso do enredo intitulado "Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu", da Grande Rio (Haddad & Bora, 2022), samba destaque no desfile do ano de 2022, explora a sabedoria submersa nas encruzilhadas, em uma compreensão do papel deste orixá.

No nordeste, a influência da herança negra no carnaval é destacada em blocos populares como o Ilê Aiyê em Salvador–BA, Akomabu em São Luís–MA e Alafin Oyó em Olinda–PE. Ao incorporarem danças, coreografias, vestimentas e símbolos da religiosidade negra em suas apresentações, criam espaços de expressão que preservam uma essência cultural. Os próprios nomes dos blocos, expressos em iorubá², são representativos de raízes culturais: O Ilê Aiyê, que significa "nossa casa/terra", sugere um espaço coletivo. Akomabu, traduzido como "a cultura não deve morrer", reflete um compromisso com a preservação cultural. Por sua vez, Alafin Oyó, "Senhor/Rei do palácio" e "capital do antigo reino de Iorubá", evoca liderança e conexão com a história ancestral (Agência Brasil, 2014; Centro de Cultura Luiz Freire, 2019; Fundação Cultural Palmares, 2023).

DISCUSSÕES - PODER CULTURAL E JUSTIÇA SOCIAL

O poder cultural, manifestado nas narrativas religiosas e históricas, influencia as estruturas sociais e políticas (Voltaire, 1763/2008; Locke, 1689/2007). A justiça social, por sua vez, está interligada à capacidade de uma sociedade de promover e sustentar a tolerância. As discussões sobre essa temática revelam que a promoção de uma sociedade justa e tolerante exige um compromisso com a educação, a reforma social e o respeito mútuo (Nussbaum, 2009; Taylor, 2007; Forst, 2013), fatores essenciais para mitigar os conflitos e promover uma convivência pacífica e inclusiva. Neste sentido, a razão e o humanismo são fundamentais, sendo a tolerância um imperativo moral que deve ser cultivado através da educação e da reforma social.

A luta pela tolerância religiosa e sua relação com a história constituem um tema relevante na filosofia, sociologia e ciência política, oferecendo uma teia de análises (Voltaire, 1763/2008; Locke, 1689/2007; Forst, 2013; Taylor, 2007; Nussbaum, 2009; Walzer, 1997; Armstrong, 2015). Taylor (2007), por exemplo, discute a transição das sociedades ocidentais de uma quase unanimidade religiosa para uma pluralidade de crenças. Essa pluralidade exige uma nova abordagem à tolerância, onde diferentes crenças e valores coexistem de maneira respeitosa, vendo a secularização como uma reorganização do espaço religioso que permite múltiplas expressões de fé. Neste sentido,

² Língua falada por grupos étnicos na região da Nigéria e do Benin, na África Ocidental.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Voltaire (1763/2008) estabelece um fundamento para as democracias liberais modernas ao proteger a liberdade religiosa como um direito fundamental.

Observa-se um avanço na consolidação da liberdade religiosa como um direito fundamental na esfera política e social. O pensamento de Locke (1689/2007), antecede as contribuições de Voltaire (1763/2008), abordando a necessidade da separação entre Igreja e Estado para garantir a liberdade religiosa. Sustenta-se que a intervenção governamental nas questões religiosas dos cidadãos seria contraproducente, argumentando que a verdadeira fé é intrinsecamente pessoal e não pode ser imposta (Locke, 1689/2007). Além disso, a análise de conflitos históricos e contemporâneos relacionados à prática da tolerância, destaca a complexidade do respeito às diferenças religiosas. Forst (2013) postula que o respeito não deve ser meramente uma aceitação passiva, mas sim uma prática de reconhecimento, considerando os contextos históricos e sociais em que surgem nas democracias liberais modernas.

Mais recentemente, Armstrong (2015) argumenta que a intolerância muitas vezes tem raízes em questões políticas e econômicas, mais do que religiosas. Explorando a tensão entre democracia e intolerância religiosa, argumenta-se que a democracia deve proteger a liberdade religiosa enquanto enfrenta os desafios da intolerância e da violência religiosa, destacando a importância de uma cidadania informada que defenda os direitos das minorias religiosas (Nussbaum, 2009). Na relação entre modernidade, secularização e a reemergência das religiões públicas, Casanova (1994) analisa como as religiões continuam a influenciar a esfera pública, propondo que a modernidade deva acomodar a expressão pública da religião de maneira que respeite a pluralidade de crenças.

Desafios, resistências e perspectivas de pesquisa

Considerando os resultados reflexivos deste estudo e o cerne da questão abordada – a urgência em compreender e enfrentar a marginalização e a opressão na promoção da diversidade cultural –, o Quadro 01 categoriza perspectivas de pesquisa sobre a temática, apresentando contextos de abordagem, principais achados nessa linha, lacunas existentes e a relevância para esta pesquisa. Destaca-se como a diáspora negra no Brasil, marcada pela violência estrutural e estratégias de resistência, ainda enfrenta desafios, especialmente no que tange às novas formas de opressão pós-abolição. Além disso, a análise das religiões afro-brasileiras e seu sincretismo revela importantes adaptações culturais e formas de resistência histórica, que permanecem sub-exploradas na narrativa nacional.

Quadro 01

Abordagem, principais achados, lacunas e relevância dos contextos que a pesquisa aborda

Contexto	Achados	Lacunas	Relevância	Referências
Opressão	A diáspora negra no país, marcada pela violência	Falta exploração como as	uma análise sobre religiões afro-brasileiras e	William (2019), Silva & Fantinel

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

	estrutural e formas de opressão estratégias de pós-abolição ainda resistência, é impactam as discutida por comunidades diversos negras hoje. estudiosos.		sincretismo é (2021), Ribeiro relevante para (2023), Prandi entender as (2004), Santos adaptações culturais (2013), Lamas e resistências (2019). históricas
<i>Intolerância</i>	Houve um A violência contra aumento os terreiros alarmante nos permanece pouco casos de conhecida e sub- discriminação explorada na religiosa no país, narrativa nacional. com as religiões afro-brasileiras sendo as mais afetadas		Diante da Farias (2021), marginalização se Dias (2018), sublinha a Bezerra & necessidade de Rodrigues estudos sobre (2016), Tavares racismo estrutural e & Vaz (2019) e a valorização da Souza, diversidade cultural. Nogueira & Tebet (2022).
<i>Lei 6.015/73</i>	Apesar das A implementação e proteções legais, eficácia das leis a discriminação contra intolerância contra religiões religiosa ainda afro-brasileiras enfrentam desafios, persiste. na prática.		As legislações Legislação recentes, como a Lei 14.134/2021, destacam a necessidade <u>contínua</u> de conscientização.
<i>Expressões</i>	A música A influência das brasileira tem religiões de matriz sido um veículo africana na música para expressar e e outras artes é celebrar frequentemente heranças afro- subestimada. brasileiras.		Estudar a interseção Quintas (2023), entre religião e Munanga música ajuda a (2009), Vieira compreender a Jr. (2019) e diversidade cultural Montello e as dinâmicas (1975). sociais.
<i>Afroturismo</i>	O afroturismo Existe a pode enfrentar o necessidade de racismo e ampliar o promover a reconhecimento e educação suporte para antirracista. iniciativas de afroturismo.		As iniciativas de Rodrigues afroturismo (2021), mostram como o Oliveira turismo <u>consciente</u> (2020), Silva, pode ser uma Tricário & ferramenta de Silva (2023). combate à intolerância religiosa.

Fonte: Autores (2024), embasados na revisão de literatura deste estudo.

Ao organizar de maneira sistemática os diversos aspectos da questão deste estudo, o Quadro 01 aponta caminhos para aprofundar a compreensão da diversidade cultural em um contexto de resistência ao eurocentrismo. Torna-se evidente a complexidade das questões relacionadas à diáspora negra e às religiões afro-brasileiras no país. Ao destacar a opressão persistente enfrentada pelos negros desde o período escravocrata (Amaral & Santos, 2015), aponta-se para um aumento nos casos de discriminação religiosa (Rafael, 2009, 2010; Silva, Tricário & Silva, 2023). Apesar dos avanços legislativos, a implementação das leis de proteção possui desafios práticos (Pacheco, 2015; Medeiros, 2016). O afroturismo emerge como forma de expressão e resistência (Quintas, 2023; Rodrigues,

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

2021). Contudo, é necessário um esforço para preencher as lacunas de conhecimento, especialmente no que diz respeito à história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No poema N'gola, Sousa (2011) destaca a experiência de encontrar um lugar sagrado, onde a pessoa se conecta com sua ancestralidade e encontra uma comunidade que compartilha das mesmas crenças e lutas. É a força potencializadora que confere autoridade ao coletivo e tem na voz dos mais velhos, detentores do saber ancestral adquirido pela experiência prática do viver, a lógica do tempo presente. O poema destaca que, nesse espaço, não há perseguições nem discriminação, mas amor e respeito pela diversidade, retratando o papel das religiões afro-brasileiras na construção de um espaço de resistência.

*O canto forte dos orixás
invade meus ouvidos
e leva minha alma
para um lugar sagrado
[...] Ali, não há perseguições nem discriminação
somente amor e respeito pela diversidade
um espaço de resistência e celebração
da cultura negra e da espiritualidade³*

A evidência da importância das religiões de matrizes africanas na construção da identidade étnico-religiosa brasileira instaura uma necessidade de se reconhecer a diversidade cultural que permeia as veias do Brasil - um país vasto e multifacetado. O afroturismo se destaca como uma ferramenta para promover a valorização dessas manifestações culturais. Ao mesmo tempo, emerge como um veículo para a inclusão social: a visitação a locais históricos e culturais conectados às tradições africanas não apenas oferece um vislumbre dessas expressões, mas as reafirma como elementos da identidade nacional.

Para além de uma abordagem puramente econômica do turismo, as reflexões deste artigo se estendem à sombra da intolerância e discriminação. O diálogo sobre afroturismo possibilita uma aproximação com as comunidades de terreiros, visando à desconstrução de estereótipos e preconceitos por meio de um processo educacional não-formal. Ao valorizar e perpetuar a cultura negra, essas religiões contribuem para a construção de uma sociedade alinhada com os valores da justiça e da diversidade, onde a pluralidade é encarada como uma bússola orientadora: embora seja necessário reconhecer que inúmeros desafios persistem, a luta pela liberdade religiosa, pelo reconhecimento dos impasses e da marginalização que assolam essas religiões é um combate que demanda engajamento.

³Trecho do poema N'gola, de Sousa, N. (2001). Disponível na obra *Sangue Negro: uma poética de combate*.

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

As ramificações teóricas e práticas destas reflexões apontam para a necessidade do reconhecimento das religiões de matrizes africanas como patrimônios nacionais. Entre as reflexões que desabrocham desse panorama, é necessário que as investigações acadêmicas explorem como essas religiões estão enfrentando e se adaptando aos desafios e metamorfoses impostas pela sociedade contemporânea. À medida que o tempo avança, as vozes que defendem tal liberdade ganham ressonância, consolidando-se como uma pauta social forte.

É premente que tais vozes (sejam da universidade ou para além dos muros dela) assumam o protagonismo na demanda por justiça, constituindo o papel de líderes na luta contra iniquidades. Almejando a consecução de equidade e tolerância, resplandecendo a riqueza cultural que caracteriza a sociedade brasileira., considera-se como necessário a implementação de medidas nos âmbitos governamentais, sociais e educacionais para a promoção da igualdade, destacando o fomento de pesquisas e a disseminação de informações que desmistificam estereótipos e preconceitos arraigados.

Do ponto de vista prático, as teorias de Bourdieu (1980) destacam a importância das estruturas sociais e das relações de poder na formação das identidades culturais. Isso implica reconhecer como as práticas culturais das comunidades afro-brasileiras refletem suas identidades, mas também se tornam instrumentos de resistência diante das adversidades históricas, como o regime escravocrata. Touraine (1981) por sua vez, destaca a capacidade dos movimentos sociais de desafiar a ordem social vigente, o que implica em reconhecer as expressões religiosas e culturais das comunidades afro-brasileiras como formas legítimas de resistência e luta por reconhecimento e inclusão. Essa compreensão pode guiar ações para fortalecer a cultura afro-brasileira e promover igualdade social.

No âmbito teórico, as reflexões de Jahan et al. (2016) destacam a importância de considerar tanto as dimensões objetivas quanto as subjetivas em uma análise social, fato desenvolvido por esse trabalho. Portanto, espera-se que a compreensão aqui desenvolvida possa enriquecer o debate acadêmico e informar pesquisas futuras sobre diversidade cultural e social. Além disso, a perspectiva pós-moderna de Lyotard (2021) ressalta o papel das narrativas culturais na formação das identidades coletivas, reconhecendo como as religiões de matriz africana contribuem para uma compreensão mais ampla e inclusiva da identidade brasileira. Essa compreensão pode orientar estudos culturais e antropológicos em busca de entender a complexidade e diversidade da identidade nacional.

Na construção de uma sociedade inclusiva e que respeite suas raízes, a pergunta que persiste é: o que estamos dispostos a fazer para projetar um futuro de igualdade e respeito? A resposta a tal indagação será determinante para propagar a força desta coesão.

NOTA: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

- Andrews, G. R. (2021). *América Afro-Latina: 1800-2000*. EdUFSCar.
- Armstrong, K. (2015). *Fields of Blood: Religion and the History of Violence*. Âncora.
- Augsten, P., & Amaral, I. (2018). De juramentos a Deus à intolerância: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro In *III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais* [Anais]. <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/945>
- Bastide, R. (1977). *As Religiões Africanas no Brasil*. Editora Pioneira.
- Bastide, R. (1978). *O Candomblé da Bahia*. Companhia Nacional.
- Bezerra, E. K., & Rodrigues, F. dos S. (2016). Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 5(2), 67–80. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2016v5n2p67-80>
- Bourdieu, P. (1981). *The Logic of Practice*. (R. Nice, Trans.). Stanford University.
- Camurça, M., Bahia, J., & Aguiar, C. F. (2021). Relações interétnicas, luta contra intolerância religiosa e produção de candidaturas no campo político: eleições municipais de São Gonçalo (RJ) de 2020. *Religião e Sociedade*, 41(3), 75-97. <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n3cap03>
- Cardoso, V. Z. (2023). "Exu, a Sapucaí é vossa": as múltiplas presenças de Exu na performance do carnaval. *Horizontes Antropológicos*, 29(67). <https://doi.org/10.1590/1806-9983e670402>
- Casanova, J. (1994). *Public Religions in the Modern World*. University of Chicago Press.
- Castor, I. E. (2022). *Mercantilização do carnaval e seus impactos na folia*. [Monografia de Bacharelado, Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito, Turismo e Museologia].
- Centro de Cultura Luiz Freire. (2019). *O Afoxé Alafin Oyó comemora aniversário em cortejo oficial no sábado de Carnaval*. <http://cclf.org.br/o-afoxe-alafin-oyo-comemora-aniversario-em-cortejo-oficial-no-sabado-de-carnaval/>
- Cesário, I. L. (2013). *Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: laços africanos em vivências femininas*. [Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo].
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. (2024). *Carnaval 2024*. https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2024/01/Analise-Carnaval_2024.pdf
- Costa, A. R. (2018). *A escolarização do corpus negro: processos de docilização e resistência nas Teorias e Práticas Pedagógicas no Contexto de Ensino-aprendizagem de Artes Cênicas*. Paco Editorial.
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso Editora.
- Dias, C. M. (2018, 10 e 11 de dezembro). "Chuta que é macumba": a marginalização das práticas de batuque nos espaços públicos de Caxias do Sul. In *IV Jornada de Educação, Meio Ambiente e Cultura de Paz: Comemoração dos 70 Anos da Declaração de Direitos Humanos, Caxias do Sul, Brasil* [Apresentação de Trabalhos]. <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-edc-meio-ambiente.pdf>

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Dumani, J. (2023). Laroyê Samba: os valores civilizatórios afro-brasileiros do samba. *Revista Em Favor De Igualdade Racial*, 6(2), 131–146. <https://doi.org/10.29327/269579.6.2-11>

Flor, C. G. (2017). O conceito de diáspora africana como argumento para descentrar a identidade negra. *Revista do Grupo de Pesquisa “Processos Identitários e Poder” - GEPPIP*, 5(9), 148-171. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v5n9p148-171>

Forst, R. (2013). *Toleration in Conflict: Past and Present* (Ideas in Context, Series Number 103). Cambridge University Press.

Fundação Cultural Palmares. (2023). *49º Aniversário do Bloco afro Ilê Aiyê*. <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/49o-aniversario-do-bloco-afro-ile-aiye#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20Il%C3%AA%20Aiy%C3%AA,%2C%20e%20Aiy%C3%AA%2C%20significa%20terra.>

Gama, E. C. (2018). *Lugares de memórias do povo-de-santo: patrimônio cultural entre museus e terreiros*. [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense].

Ministério dos Direitos Humanos. (2016). *Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (RIVIR) – resultados preliminares*.

Jahan, N., Naveed, S., Zeshan, M., & Tahir, M. A. (2016). How to conduct a systematic review: a narrative literature review. *Cureus*, 8(11). <https://doi.org/10.7759/cureus.864>

Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1976. *Dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6015original.htm

Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989. *Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm

Liesa. (2022). *Livro abre-alas: sábado*. Liesa.

Lucena, F. (2019). Números do Carnaval 2019 batem recordes. *Diário do Rio*. <https://diariodorio.com/numeros-do-carnaval-2019-batem-recordes/>.

Locke, J. (1689/2007). *Carta sobre a tolerância*. Editora Hedra.

Lytard, J-F. (2021). *A condição pós-moderna* (12ª ed.). José Olympio.

Madeiro, C. (2020). Terreiros atacados, religiosa espancada: o dia sangrento que o país ignora. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/02/02/terreiros-atacados-religiosa-espancada-o-dia-sangrento-que-o-pais-ignora.htm>

Marzullo, L. (2022, 12 de agosto). Líderes religiosos repudiam post de Michelle Bolsonaro que mostra Lula em cerimônia do candomblé: 'Conceito racista'. *Jornal O Globo*. <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/lideres-religiosos-repudiam-post-de-michelle-bolsonaro-que-mostra-lula-em-ritual-do-candomble-conceito-racista.ghtml>

Medeiros, M. P. S. (2016). *Capoeira: da marginalização a reafirmação identitária*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira], Departamento de História do CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, RN].

Munanga, K. (2009). *Origens Africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*, Global.

Nascimento, A. L. C., & Simonian, L. T. L. (2016). Sincronia entre religiosidade umbandista e práticas religiosas amazônicas de índios e caboclos. In J. Pezzuti. & C. A. Ramos (Orgs.), *Desafios Amazônicos: Série – desenvolvimento e sustentabilidade* (pp. 455-490).

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Nussbaum, M. C. (2009). *The Clash Within: Democracy, Religious Violence, and India's Future*. Imprensa Belknap.

Oliveira, N. A. (2020). Turismo Afrocentrado: debates iniciais. In R. G., Mello & P. G., Freitas (Orgs.). *Novos olhares sobre Turismo, Patrimônio e Cultura*, (pp. 305-315). Editora e-Publicar.

Pacheco, L. C. (2015). Racismo e Intolerância Religiosa: Representações do Xangô nos jornais de Maceió entre 1905 e 1940. *Sankofa*, 8(15), 80-109. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2015.102435>

Pinto, M. S. (2021). *A bananeira que sangra: desobediência epistêmica, pedagogias e poéticas insurgentes nas aparições do Nego Fugido*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas].

Pradi, R. (2004). O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(52). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300015>

Quintas, M. E. (2023). Teologia da cultura, carne e carnaval. *Último Andar*, 26(42), e61402. <https://doi.org/10.23925/ua.v26i42.e61402>

Rafael, U. N. (2009). Conflitos políticos e intolerância religiosa em Alagoas na Primeira República. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, 2(27). <https://doi.org/10.22409/antropolitica2009.2i27.a42040>

Rafael, U. N. (2010). Muito barulho por nada ou o “xangô rezado baixo”: uma etnografia do “Quebra de 1912” em Alagoas, Brasil. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 1(1). <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=372339165004>

Ribeiro, D. (1995). *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. Companhia de Bolso.

Ribeiro, D. (2023). *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. Global Editora.

Rodrigues, D. S. (2021). *Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra*. [Dissertação de Mestrado, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.100.2021.tde-23042021-120824>

Rother, E. T. (2007). Revisión sistemática X Revisión narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

Said, E. W. (2007). *Orientalismo*. Companhia de Bolso.

Santos, R. O. (2013, 22 a 26 de julho). Cultos africanos: sujeitos, identidades e conflitos no Maranhão. In XXVII *Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social* [Anais]. http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364932760_ARQUIVO_textoprovisorio.pdf

Serra Pinto, M. C. (2012, 29 de maio a 01 de junho). Fronteiras do sagrado entre a umbanda e a barquinha In *Simpósios da ABHR*, 13 [Anais]. <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/572>

Silva, V. G. (2017). Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Afro-Ásia*, 56. <https://doi.org/10.9771/aa.v0i56.22524>

Silva, N. B. P. da & Fantinel, L. D. (2021). Desigualdades e Resistências no Organizar de Práticas Festivas Marginalizadas. *Revista Organizações & Sociedade*, 28(96), 1-22. <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9605PT>

Silva, P. T., Tricárico, L. T., & Silva, Y. F. (2023). Turismo Afrocentrado e

RESISTÊNCIA CULTURAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: O PAPEL DO AFROTURISMO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Educação Antirracista: Relatos a partir da hashtag #Afroturismo no Instagram. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 15(45). <https://doi.org/10.5281/zenodo.8378307>

Sousa, N. (2001). *Sangue Negro: uma poética de combate*. Global.

Sousa, N. (2001). Negro de fome. In: N. Sousa, *Sangue Negro: uma poética de combate*. Global.

Sousa, N. (2001). N'gola. In: N. Sousa, *Sangue Negro: uma poética de combate*. Global.

Souza, J. R. L. de, Nogueira, M. A., & Tebet, G. S. (2019). Giro epistemológico para uma educação antirracista. *Educação em Revista*, 35, e198655. <https://doi.org/10.1590/0102-4698198655>

Suriani Lamas, R. (2019). A formação das religiões afro-brasileiras: A interferência do sincretismo religioso. *Sacrilégens*, 16(1), 222-232. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2019.v16.28835>

Tavares, D., & Vaz, D. (2019, 02 a 07 de setembro). Formação e testemunho: o YouTube como alternativa para a “des-demonização” das religiões de matriz africana. *42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, PA* [Anais]. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2022-1.pdf>

Taylor, C. (2007). *A Secular Age*. The Belknap Press of Harvard University Press.

Touraine, A. (1981). *The Voice and the Eye: An Analysis of Social Movements* (1st ed.). Cambridge University Press.

Verger, P. (1902). *Notícias da Bahia - 1850*. Editora Corrúpio.

Vieira Junior, I. (2019). *Torto Arado*. Editora Todavia.

Voltaire. (1763/2008). *Tratado Sobre a Tolerância*. L&PM.

Walter, R. (2017). O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas. *A Cor das Letras*, 12(1), 9–34. <https://doi.org/10.13102/cl.v12i1.1483>.

INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

- *1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), com mestrado pelo mesmo programa e experiência acadêmica internacional no "Master en Turisme Cultural" da Universitat de Girona, ES. E-mail: laizeoliveira@usp.br
- *2 Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo (FFLCH/PPGS). Mestre em Turismo pela Universidade de São Paulo (EACH/PPGTUR). Tecnóloga em Turismo e Hospitalidade pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS/FATEC-SP (2011). E-mail: denise.rodrigues@usp.br
- *3 Doutoranda em Turismo pela Universidade de São Paulo - USP (2022), Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (2014), Especialista em Turismo (2016) e Tecnóloga em Gestão de Turismo (2010), pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Roraima-Campus Boa Vista. E-mail: jordanacavalcante@usp.br
- *4 Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP) e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: paulolacerdatur@gmail.com

REVISTA CIENTÍFICA ATELIÊ DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**